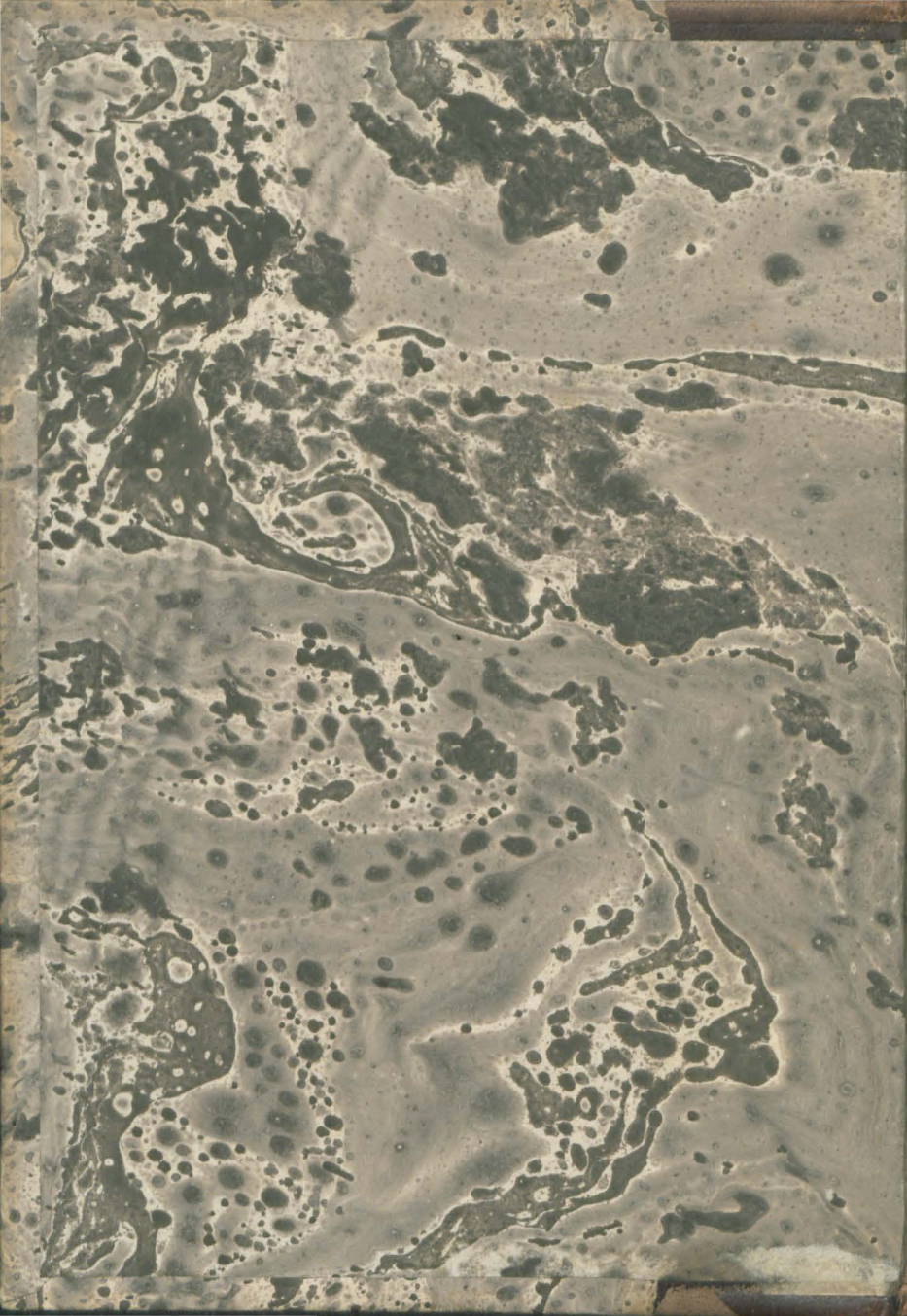
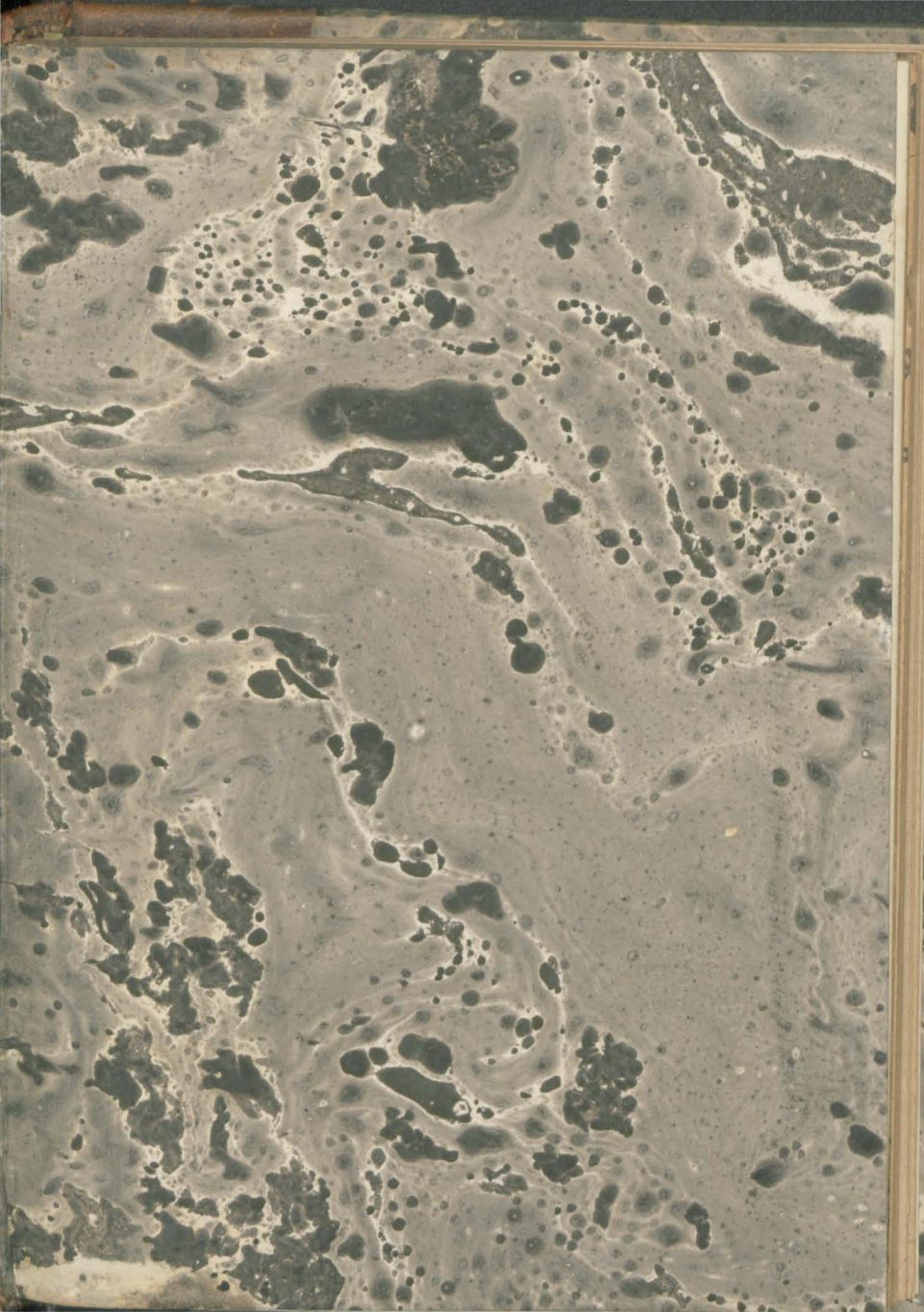
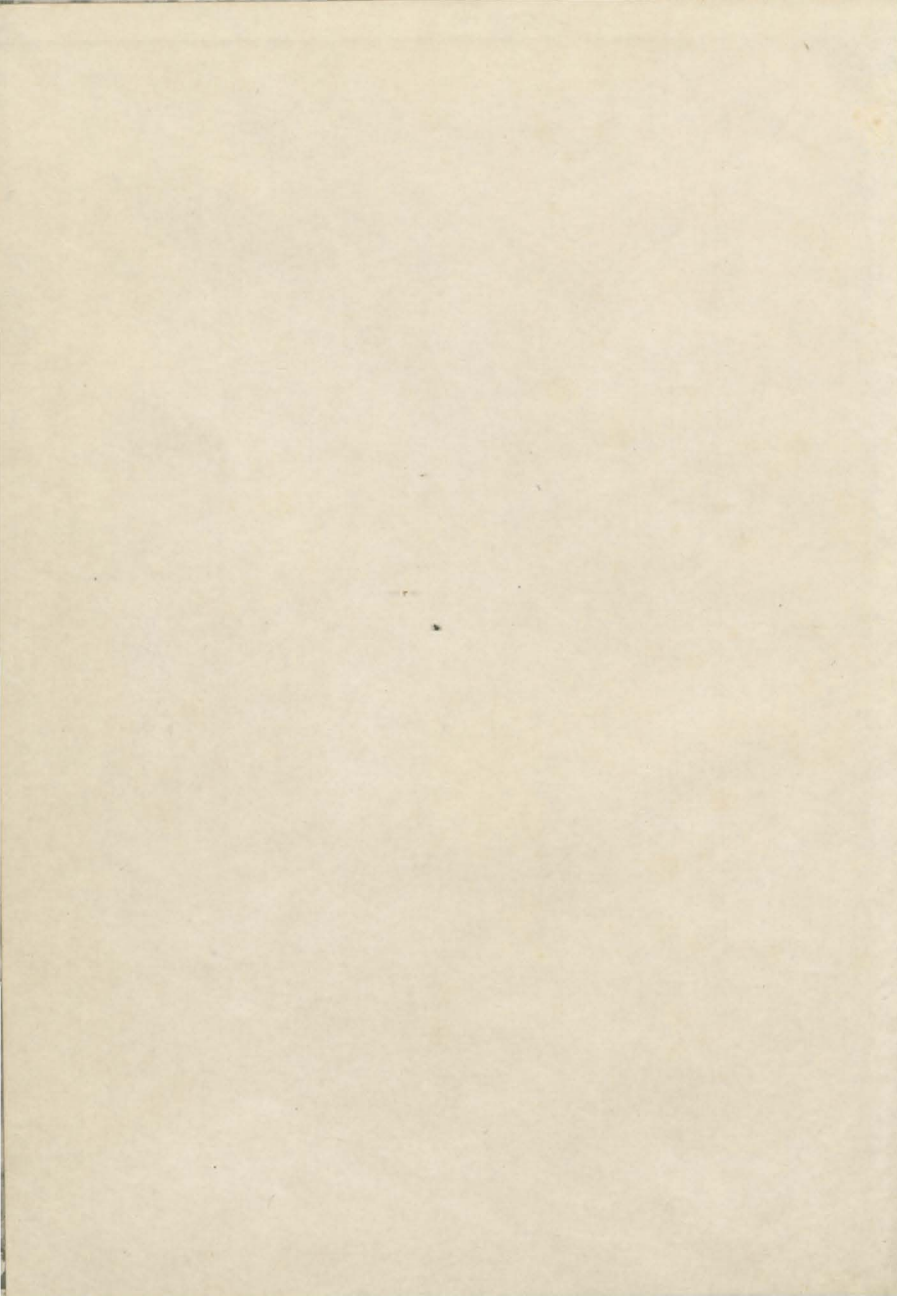
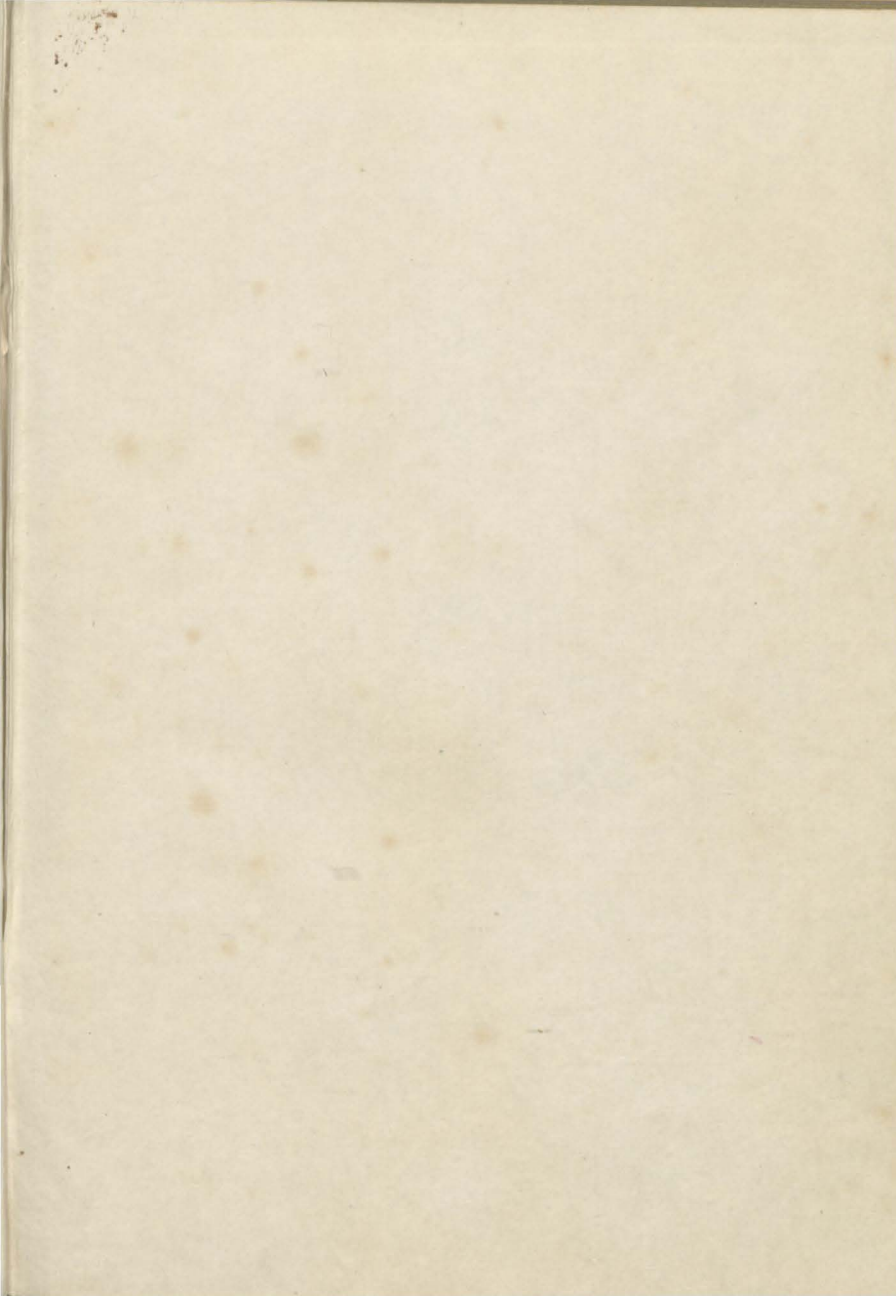












B869.15
An25L
B0143413

MARIO DE ANDRADE



O LOSANGO
CÁQUI

MARIO DE ANDRADE

LOSANGO CÁQUI

OU

AFETOS MILITARES DE MISTURA

COM OS PORQUÊS DE EU SABER ALEMÃO

Coleção
SÉRGIO B. HOLANDA
Biblioteca Central
UNICAMP

S. PAULO

CASA EDITORA A. TISI - RUA FLOR. DE ABREU, 4

1926

do Autor :

"Ha uma gota de Sangue em cada Poema" (1917)

"Paulicea Desvairada" (1922)

"A Escrava que não é Isaura" (1925)

"Losango Cáqui" (1925)

por publicar :

"Primeiro Andar" (contos)

"Amar, Verbo intransitivo" (romance)

em preparação :

"Clan do Jaboti" (poemas)

"Gramatiquinha da Fala Brasileira"

UNIDADE	BC-SBH
N.º CHAMADA:	2869.15
	An 241
V.	Ex
TOMBO B0/	143412
PROC.	
A C	☒
D	☐
PREÇO	
DATA	
N.º CPD	CM 000 747201

361 d 91418

a Sergio Buarque de Hollanda
misteriosa riqueza
nossa,

of o

Yarid & Jndre
S. Paulo

25

I

a
Anita Malfatti

926

Advertencia

Me resolvo a publicar este livro assim como foi composto em 1922. E' um diario de tres meses a que ajuntei uns poucos trechos de outras epocas que o completam e esclarecem. Sensações, ideias, alucinações, brincadeiras, lyricamente anotadas. Raro tive a intenção de poema quando escrevi os versos sem titulo deste livro.

Aliás o que mais me perturba nesta feição artistica a que me levaram minhas opiniões esteticas é que todo lirismo realizado conforme tal orientação se torna poesia-de-circunstancia. E se restringe por isso a uma existencia pessoal por demais. Lhe falta aquela característica de universalidade que deve ser um dos principais aspectos da obra-de-arte. Vivo parafusando, repensando e hesito em chamar estas poesias de poesias. Prefiro antes apresenta-las como anotações lyricas de momentos de vida e movimentos subconscientes aonde vai com gôsto o meu sentimento, possivelmente pau-brasil e romantico.

Hoje estou convencido que a Poesia não pode ficar nisso. Tem de ir alem. Pra que alens não sei não e a gente nunca deve querer passar adiante de si mesmo.

Dorê m peço que este livro seja tomado como pergunta, não como solução que eu acredite siquer momentanea. A existencia admiravel que levo consagrei-a toda a procurar. Deus queira que não ache nunca... Porquê seria então o descanso em vida, parar mais detestavel, que a morte. Minhas obras todas na significação verdadeira delas eu as mostro nem mesmo como soluções possiveis e tranzitorias. São procuras. Consagram e perpetuam esta inquietação gostosa de procurar. Eis o que é, o que imagino será toda a minha obra: uma curiosidade em via de satisfação.

Rapazes, não confundam a calma destas linhas preparatorias com a melancolia comum. Não tem melancolia aqui. Sou feliz. Estou convencido que cumpro o destino que deviam ter meu corpo em sua transformação, minha alma em sua finalidade.

E passo bem, muito obrigado.

M. de A.

S. Paulo, 1924

I

Meu coração estrala.
Esse lugar-comum inesperado: Amor.

Na trajetória rápida do bonde...
De Sant'Ana á cidade.
Da Terra á Lua
Julio Verne
Atravessei o nucleo dum cometa?
Me sinto vestido de luzes estranhas
E da inquietação fulgurante da felicidade.

Aqueles olhos matinais sem nuvens...
Meu coração estrala.

No entanto dia intenso apertado.
Fui buscar minha farda.
Choveu.
Visita espanto
Discussões esteticas.
Automovel confidencial.
Os cariocas perderam o matche.
Eta paulistas!

Mas aqueles olhos matinais sem nuvens..
Meu refrão!

E penso nela, unicamente penso em mim.
Amo todos os amores de S. Paulo... do Brasil.
Eu sou a Fama de cem bocas
Pra beijar todas as mulheres do mundo!
Hoje é Suburra nos meus braços abraços fremen-
tes amor!

Minha Loucura, acalma-te.

...Muitos dias de exercicios militares...

Previsões tenebrosas...

Revoluções futuras...

Perspectiva de escravo cáqui, pardacento,
fardacento...

Meu coração estrala.

Amor!...

MÁQUINA-DE-ESCREVER

B D G Z, Remington.

Pra todas as cartas da gente.

Eco mecanico

De sentimentos rapidos batidos.

Pressa, muita pressa.

Duma feita surripiaram a máquina-de-escre-
ver de meu mano.

Isso tambem entra na poesia

Porquê êle não tinha dinheiro pra comprar outra.

Igualdade maquinal,

Amor odio tristeza...

E os sorrisos da ironia

Pra todas as cartas da gente...

Os malevolos e os presidentes da Republica

Escrevendo com a mesma letra...

Igualdade

Liberdade

Fraternité, point.

Unificação de todas as mãos...

Todos os amores
Começando por uns AA que se parecem...
O marido que engana a mulher,
A mulher que engana o marido,
Os amantes os filhos os namorados...

"Pesames".

"Situação difícil.
Querido amigo... (E os 50 milreis.)
Subcrevo-me
adm^{or} obg^o. "
E a assinatura manuscrita.

Trique... Estrago!
É na letra O.
Privação de espantos
Prás almas especulas diante da vida!
Todas as ansias perturbadas!
Não poder contar meu extase
Diante dos teus cabelos fogaréu !

A interjeição saiu com o ponto fora de lugar!
Minha comoção
Se esqueceu de bater o retrocesso.
Ficou um fio
Tal e qual uma lagrima que cai
E o ponto final depois da lagrima.

Porêm não tive lagrimas, fiz "Oh!"
Diante dos teus cabellos fogaréu.
A máquina mentiu!
Sabes que sou muito alegre
E gosto de beijar teus olhos matinais.
Até quarta, heim, 11.

Bato dois LL minúsculos.
E a assinatura manuscrita.

III

— Mario de Andrade!

— Ah...

Me lembrava daquela cara olhos cabelos,
Daquelas mãos um dia cheias de amizades pra mim...
No entanto era um desconhecido.

— Faz tantos anos, Mario...

— Meia-duzia, foi em 916.

— Tive notícias de você... Pelos jornais. Tenho seguido.

— Ahn...

— Você mudou bastante.

— Estou mais forte.

— Os insultos foram por demais..

— Um pouco... Mas, você?

— Ora eu... Mas não acreditei, Mario de Andrade.

— E as manobras no Rio, se lembra!... Bom tempinho!

— Nosso tempo...

E quis me cercar daqueles braços caídos!...

Então, falando muito baixo pra mim mesmo,
Veríamos juntos si estou certo no que sou...

NO ENTANTO ERA UM DESCONHECIDO.

Convidou:

— Sigo pra Caçapava.

— Não pede transferencia? É requerer do general. Eu fico aqui.

Me olhou rapido como envergonhado de procurar alguém.

Depois poisou o olhar nos horizontes curtos da rua a Conselheiro Crispiniano.

Depois deixou êle cair nas mãos encardidas pela companhia das sombras burocraticas.

Depois me fitou. Fixamente.

— Não. Vou pra Caçapava. Adeus, Mario de Andrade.

— Passe bem.

Que alívio!

Detesto os mortos que voltam.

São tão mais nossas as imagens!

IV

Soldado-raso da Republica.

Quarto Batalhão de Caçadores aquartelado em Sant'Ana.

Rogai por nós!

Valha-me Deus!

Todo vibro de ignorancias militares.

... O calcanhar direito se levanta,

Corpo inclinado prá frente...

A marcha rompe.

Marcha, soldado,

Cabeça de papel,

Soldado relaxado

Vai preso pro quartel...

V

“Escola ! Sen...tido !”

E a manhã
noiva
invernal
humidecida,
Nevoas
Ventos
Gotas de agua,
Se desenrola que nem novelo de fofa lã.

Que frio !..

Quatro carreiras de menhires humanos.
IMOBILIDADE ABSOLUTA.
Porêm às almas tremem retranzidas.

— “Cabeças levantadas ! Ninguem se mexa !”

E a neblina envereda ver garças batendo asas brancas
Pelos alinhamentos de Carnac.

VI

Queda pedrenta da ladeira.
Calcei botinas de febre.
Meus pés são duas sarças ardentes.
Queima-se o bruxo!
Inquisição!

Topada,
Turtuveio,
Desfaleço...

...um-dois, um-dois...

Mario, coragem!
Tão atrás dos companheiros... Avance!
Olhe á direita o alinhamento.

E continuo: um-dois, um-dois...

Mas como eu marcharia,
Taratá!
Bandeiras

Centenario

Exposição Universal

Tôrre-das-Joias dos meus beijos,
Si ela fosse soldado!
Si marchasse a meu lado
Com a sarça ardente dos cabelos
Labaredando sob o quépi..
Que linda então a barulheira dos tacões
Batendo macanudos no chão:

UM-DOIS, UM-DOIS...

E nem marcha!
Desembestava maluco por essas pedras queridas,
Si ela fosse meu rancho,
Si ela fosse meu sôlido!

Meu amor...

Mario, cuidado, se alinhe!
Tão na frente dos companheiros..
Contenha êsse ardor patriotico,
Essa baita paixão pelo Brasil!

VII

Que sono!

Todo dia,

Quatro e meia,

Madrugada...

Tácito hoje não veio.

Que seria?

Inquietação.

A neblina se senta a meu lado no bonde.

Estou doente.

RUA DOS INVOLUNTARIOS DA PATRIA.

VIII

— “Escola ! Alto !”

Pararraáaaa...

— “Não prestou ! Escola !...”

Escola pra quem, tenente ?

O poeta vai na escola...

Vai soletrar marchas altos esporas...

O apito mandachuva chicoteia o lombo dêle.

O tenente é um cow-boy da Paramount.

O potro corcoveia

Prisca,

Relinchos surdos,

Tine tiririca esporeado no orgulho,

Mas parou porquê o cow-boy fe-lo parar.

A fita continua.

E Paulicea em frente

Recostada no espigão do horizonte

Aplauda o domador doiradamente

Batendo a mão do Sol na mão da Terra.

IX

Careço de marchar cabeça levantada
Olhar altivo prá frente...

Mas eu queria olhar á esquerda...
Bonita casa colonial
Cheínha mesmo de paisagem!

— “Olhar altivo prá frente!”

O meu tenente
Não apreciava as casas coloniais.

Porém o meu olhar bléfa o tenente.
Olhou altivo prá frente
E batendo no quépi do soldado da frente
Fez esquerda-volver
E meigamente espiou a casa colonial.

X

TABATINGUERA

Mas a taba cresceu... Tigueras agressivas,
Pra trás! Agora o asfalto anda em Tabatinguera.
Mal se esgueira um pagé entre locomotivas
E o forde assusta os manes lentos do Anhanguera.

Anhanga fantasmal, feito de tabatinga
Guincha, entrou pelo chão como o Anhangabaú.
É a alvura se tornou cimento-armado, é cinza,
Tinge a garoa Borba Gato Engaguassú...

Nada de ajuntamento! Os polícias dirigem
O "Circulez". Meu Deus! É a marquesa de Santos!
Está palida... O olhar fuzilando coragem
Faísca da cadeirinha atapetada de anjos.

Segue prá força da Tabatinguera. Lento
O cortejo acompanha a rubra cadeirinha
Pro Ipiranga. Será que em tão pequeno assento
A marquesa botou sua imperial bundinha!...

XI

O sargento com êsses acelerados
No campo de futebol...

Que avançadas vencedoras de paulistas
Contra uruguaaios fugitivos invisíveis..
Vencemos facilmente.
Como sempre...

E o descanso feliz.
Gosto de mim esta manhã.
Minhas narinas esvoaçam,
Me levam os olhos prá festa do longe.
Boca trémula de gostoso sorrir.

E chupo a taça da aurora
Cujo vinho é mais cor-de-rosa
Que um rubái de Omar Khayam.

XII

Aquele bonde...
Sensação primavera de jardim.

Aléas regulares francesas coroadas de rosas,
Chiados de insetos de metálicas asas,
Cheiro claro esgarçado rosado de rosas abertas,
De rosas nos ares na grama nos caminhos,
Milhares de rosas nos ares na grama nos caminhos,
De rosas se rindo...

Vontade de amar!...

No entanto é já bem corriqueira
Esta comparação de flores e mulheres.

XIII

Seis horas lá em S. Bento.
Os lampeões fecham os olhos de repente
A' voz de comando do sino.
A madrugada imensamente escura
Abafa as arquiteturas da praça.
E a estatua de Verdi tambem, graças a Deus!

Mãos nos bolsos
Grupinhos entanguidos
Encafudados nas socavas dos andaimes
Os reservistas que nem malfeitores.

Dlem! Dlem!..
"SANT'ANNA"

Vem vindo a procissão com tocheiros e luzes.
E principia o assalto agitado sem vozes.

Anticlericais!

Fora estandartes andores!

Desaparecem os padres da noite.

As filhas-de-Maria das neblinas

Espavoridas pelo Anhangabaú..

Assaltantes equilibrados nos estribos.

Estilhaço me fere nos olhos o sangue da aurora.
Risadas.

Chamados.

Cigarros acesos.

Incendio!

Exterminio!

Vitoria completa...

Faz frio de geada esta manhã...

A gente se encosta nos outros, pedindo

Uma esmolinha de calor.

E o bonde abala sapateando nos trilhos

Em busca das casernas sinistras cor-de-chumbo.

XIV

O "ALTO"

Tudo esquecido na cerração.

... um-dois, um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,
um-dois, um-dois, um-dois

ARVORE

um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,
um-dois

ARVORE

um-dois, um-dois, um-

ARVORE

dois,

um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,
um-dois

PRIMEIRO APITO

um-dois,

um-dois,

um:

- prraá.

— Cutuba!

XV

Abro tua porta inda todo humido do orvalho da manhã.
Estavamos tão bonitos hoje...

Os filhos dos fazendeiros

Os filhos dos italianos...

Tinha tambem alguns com a pele morena por demais.
Como deve ser ridiculo um negro passeando em Ver-
salhes!

Detestavel Paris!

Porêrn nós faziamos a mesma raça,
Grande gente nova sem odios,
Povo de trabalho e de aventura...

Novo-Continente, novo centro do mundo!...

Então vim, pra que me visses de farda.

Preguiçosa!

A estas horas amante de soldado já esqueceu o toucadore!

Teus beijos serelepes novo orvalho sobre mim.

Teus olhos palpitantes e risadas

As tuas palmas infantis...

Me entristeci.

Vejo no espelho a medalha dos teus cabelos no meu
peito.

O bonde grita engasgado nos trilhos da esquina.

Não ficarei.

Quando a primeira vez apareci fardado,
Duas lágrimas ariscas nos olhos de minha mãe...

XVI

Conversavam
Serenos pacholas fortes.
Que planos estrategicos...
Balistica.
Tenentes.
Um galão.
Dois galões.
A galinhada!

Apito em grãos de milho no ar.

Escola pra um! Escola pra todos!
Mande mande, tenente!
Meus braços minhas pernas olhos.
Apite que eles obedecerão!

Mas porêem da caserna dum corpo que eu sei
Sai o exército desordenado meu sublime..
Assombrações

Tristezas

Pecados

Versos-livres

E o universo inteirinho em continencia!

... Vai passando
No seu cavalo alazão
O marechal das tropas desvairadas
Do país de Mim-Mesmo...

XVII

Mario de Andrade, intranzigente pacifista, internacionalista amador, comunica aos camaradas que bem contra-vontade, apesar da simpatia dêle por todos os homens da Terra, dos seus ideais de confraternização universal, é atualmente soldado da República, defensor interino do Brasil.

E marchó tempestuoso noturno.
Minha alma cidade das greves sangrentas,
Inferno fogo INFERNO em meu peito,
Insolencias blasfemias bocagens na lingua.

Meus olhos navalhando a vida detestada.

A vista renasce na manhã bonita.
Paulicea lá em baixo epiderme aspera
Ambarizada pelo Sol vigoroso,
Com o sangue do trabalho correndo nas veias das ruas.
Fumaça bandeirinha.
Tôres.
Cheiros.
Barulhos

E fábricas...
Naquela casa mora,
Mora, ponhamos: Quaraciaba...
A dos cabelos fogareu!...
Os bondes meus amigos intimos
Que diariamente me acompanham
pro trabalho...

Minha casa...
Tudo caído de novo!

E' tão grande a manhã!

E' tão bom respirar!

E' tão gostoso gostar da vida!...

A propria dor é uma felicidade!

XVIII

Cabo Alceu é um manguarí guassú
Com espinhas de todas as cores na cara,
Talqualmente uma coleção de turmalinas.

Acredita nas energias sem delicadeza
E nas graças vagamente eruditás.

— “Na minha esquadra ninguém se mexe.
La donna é immobile!”

XIX

Marchamos certos em reta prá frente.

Asa especula freme vagueia na luz do Sol.

Faça do seu espirito ãa marcha de soldado,
Das suas sensações um vôo de andorinha.

XX

Cadência ondulada suave regular.

Névoa grossa pesada que nem som de trompa longe.
O Sol colhe algodão nas praias do Tiêê.

... um-dois, um-dois...
NA REDE.

A cadência me embalança.

Que gostosura!

Ela devia estar aqui
Com os seus cabelos...

XXI

A MENINA E A CANTIGA

... trarilarára...traríla...

A meninota esganiçada magriça com a sáia voejando por cima dos joelhos em nó vinha meia dansando cantando no crepusculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.

... trarilarára... traríla...

De repente voltou-se prá negra velha que vinha tropega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:

— Qué mi dá, vó?

— Não.

.. trarilarára... traríla...

XXII

A manhã roda macia a meu lado
Entre arranha-céus de luz
Construidos pelo melhor engenheiro da Terra.

Como êle deixou longe as renascenças do snr. dr.
Ramos de Azevedo!
De que valem a Escola Normal o Théâtre Municipal
de l'Opéra

E o sinuoso edificio dos Correios-e-Telegrafos
Com aquele relógio-diadema made inexpressively?

Na Paulicea desvairada das minhas sensações
O Sol é o snr. engenheiro oficial.

XXIII

De nada vale intelligencia.
Tempo perdido odiar os que devia odiar.
Saudei-o muito sorrindo.
Amor cantou por minha continencia...

Ele no entanto foi mesquinho.

Na Semana de Arte Moderna teve um
número de programa que quasi ninguem viu:

“A REVELAÇÃO DOS TAMANDUA’S”.

Saudei-o muito sorrindo...

E nem é influencia do clima.

Está quente.

Vai chover.

Nuvens danadas.

E cansaço faz calor dentro de mim.

Saudei-o muito sorrindo...

Meu Deus, perdoai-me!

Creio bem que amo os homens por amor dos homens !

Não escreveria mais “Ode ao Burguês”

Nem muitos outros versos de “Paulicea Desvairada”.

Tenho todo um Mappa-mundi de estados-de-alma.

“Paulicea”, passagem do Equador...
Fazia frio no Parnasianismo...
Ara! praquê voltar nas paisagens de dantes!

Dez quilômetros...

Quatro quilômetros...

Treze quilômetros...

O trem continua rapido.

Para em cada estação.

Me penteio no espelho.

— Você mudou bastante.

— Estou mais forte.

NO ENTANTO ERA UM DESCONHECIDO.

Desço.

Mas o sargento apita.

Aviso.

Torna a apitar.

Subo de novo.

Trem em marcha...

Onde irá dar a mobilização da vida!

XXIV

A ESCRIVANINHA

Meu pai com seu nariz judeu...
Eu vivia quasi sem ruído.
Dúmas Terrail Zóla escondidos,
Si êle souber... Meu pai? Meu Deus?

Duas pessoas num só terror.
Meus quatorze anos sorrateiros:
Leituras pobres, vícios feios,
Quanto passado sem valor!

Eu não vivi no meu país.
Zóla Terrail Dúmas franceses...
Que gramaticas portuguezas
Pro miseravel de Paris!

Depois a Vida me ensinou
A vida. Meu pai morreu. Quando
Orfão me vi, chora-chorando,
Minha miseria se acabou.

Anjo-da-Guarda, Solidão!
Zóla voltou prá escrivadinha
De meu pai. Que grandeza estranha
Pôs êsse gesto em minha mão?..
Não sei.

XXV

Sou o "base".

Primeiro homem da 4.a Companhia.

Primeiro homem de S. Paulo!

Ela devia estar aqui
Com o seu "bom-dia"...

Tem dois soldados inda mais compridos que eu.

E a bizarria?

E a nitidez dos gestos militares?

Finalmente o sargento compreendeu que eu era o Exem-
plo,

Me deu o lugar supremo!

Sou o generalissimo das tropas de terra-e-mar da hu-
manidade!

Ela devia estar aqui
Com a sua vaidade.

Tudo em mim são angulos, retas.

Maquinismo inflexivel.

Corpo metronomo,

Allegro ma non troppo.

Abaixo as músicas românticas!
Sou uma fuga de João Sebastião Bach!

Porêm os pés sarcásticos satíricos
Grita-gritam riso fino de picadas.
Cobras,
Espinhos,
Dores,
Cacos no caminho.

Calcei botinas de febre!
Lamentações humilhações físicas insuportáveis!
Meus pobres pés martirizados!
Ah, os balsamos deliciosos refrigerantes!
Perfumes raríssimos bíblicos!
Madalenas de mãos finas lentas imperiais!

Ela devia estar aqui
Com as suas mãos lentas...

XXVI

— “Escola, olhe essa palestra!”

— Olhe o Paulistano

XXVII

A MENINA E A CABRA

A menina peleja pra puxar a cabra
Que toda se espaventa escorregando no asfalto
Entre as campainhadas dos bondes
E a velocidade poenta dos automoveis.

... Todo um rebanho de cabras...
As cabras pastam o capim do meio-dia...
E na solidão morta da serra
Nem um toque só de buzina.
Cachorro feio de olhos grandes entocaiados nos
pelos.

Junto das pedras movidas pelas lagartixas,
Aonde o Solão chapinha na agua agitada
Afinca os dentes no queijo doirado
Lícias, pastor.

XXVIII

FLAMINGO

Rigido a levantar no blau a flama rosea,
Flamingo... Alem na sombra o misterio de Flandres...
Sinos de coros polifonicos se expandem
Em cinza em amplidão nitida e crua ardosa.

Quimera viva! Vlan! Lança pelo infinito
O bico em curva e o vôo arca sobre o deserto.
Desce no areal. Heraldo o alto perfil inquieto
Real... E a ridiculêz do passo de Carlito.

Passam autos. Mulheres vão e vêm. Dengosa
A tarde grande bate as asas do flamingo.
Marés-altas de luxo. E o Flamengo domingo
Abre nos céus o que não tem no Rio: rosas!...

XXIX

Enfim no bonde pra casa.

O coronel não gostou do alinhamento das armas.
Sargento Vitoriano ordenou dez minutos de acelerado.

No entanto era tão moço o nosso desalinho...
Sou brasileiro ou alemão?

Imperialismo...

Na certa que Dom Pedro II
Havia de se rir do nosso desalinho...

O bonde nada no Tiêê.

Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo

As monções da ambição...

Giganteas vitórias...

Ninguém se amolava com o alinhamento das armas!

Ninguém mandava acelerados!

E nas madrugadas bonitas

Do ouro da luz mexendo na neblina
As bandeiras e as monções enveredavam prá Aventura!...

Porêm o hoje das turmalinas falsas baratissimas!
Vida bêsta infame odiada!
Eu trago a raiva engatilhada...

XXX

JOROBABEL

Um choro aberto sobre o universo desaba
A badalar... Um choro aberto sobre a Terra
Em bandos de ais... Guaiar profetico se expande...
Anda franco no mundo o agoiro da miseria...

Job abulico baba o fel que o devora... Hirta
A multidão que desapareceu Abel...
Um choro... E a vida excessivamente infinita!...
Clamor! Ninguem se entende! Um Deus não vem!... Ba-
bel!...

Babel! Um choro aberto sobre a confusão
Das raças! Babel! Os sinos em arremessos
Belicos! Badalar dos sinos! Multidão
Hirta! Jerusalem incendiada... Rebate!

Babel! Jerusalem! Jorobabel! Babel!
Batem os bronzes bimbalhando! Pobre Job
Sem ouro, multidão devora e baba o fel!...
Um choro aberto de entes miserrimos...

XXXI

CABO MACHADO

Cabo Machado é cor de jambo,
Pequeninho que nem todo brasileiro que se preza.
Cabo Machado é moço bem bonito.
E' como si a madrugada andasse na minha frente.
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo
Adonde alumia o Sol de oiro dos dentes
Obturados com um luxo oriental.

Cabo Machado marchando
E' muito pouco marcial.
Cabo Machado é dansarino, sincopado,
Marcha vem-cá-mulata.
Cabo Machado traz a cabeça levantada
Olhar dengoso pros lados.

Segue todo rico de joias olhares quebrados
Que se enrabicharam pelo posto dele
E pela cor-de-jambo.

Cabo Machado é delicado gentil.
Educação francesa mesureira.
Cabo Machado é doce que nem mel
E polido que nem manga-rosa.
Cabo Machado é bem o representante duma terra
Cuja Constituição proíbe as guerras de conquista
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.
Só não bulam com êle!
Mais amor menos confiança!
Cabo Machado toma um geito de rasteira...

Mas traz unhas bem tratadas
Mãos transparentes frias,
Não regeita o bon-ton do pó-de-arroz.
Se vê bem que prefere o arbitramento.
E tudo acaba em dança!
Por isso cabo Machado anda maxixe.

Cabo Machado... bandeira nacional!

XXXII

AS MOÇAS

Cinco ou seis...

E me senti mais só no meio delas.

Rostos de luas coloridas,

Conversas fiadas de mulheres...

Mas a cidade continua...

PALMA DE MÃO...

E li nas linhas ruas

O destino daquela mocidade.

— E' fatal: deixai-me a rir

E sorrindo parti!

Ela se fechará pra vos prender.

Antes se rir.

Vamos! mais rouge riso pros labios,

Os sapatinhos de verniz,

Sedas e coração!

E é aguentar o cinema quotidiano!

Cow-boys predestinados

Raptos electricos...

E tudo acaba mal.

Sofrei !

... A propria dor é uma felicidade.

E ei-las partindo.

Longe de mim.

Vôo de moças !

Vôo de moscas assustadas...

E vão se debater ansiosas na vidraça...

E A MÃO QUE AS VAI PEGAR !

E fiquei a me rir...

Rindo das moças,
das moscas,
da vida...

das lagrimas nos olhos pequeninos.

XXXIII

*"Prazeres e dores prendem a alma
no corpo como com um prego. Tor-
nam-na corporal... Consequentemente
é impossível pra ela chegar pura nos
Infernos."*

Platão.

Meu gôso profundo ante a manhã Sol
a vida carnaval...

Amigos

Amores

Risadas

Os piás imigrantes me rodeiam pedindo retratinhos
de artistas de cinema, dêsses que vêm nos maços de
cigarros.

Me sinto a Assunção de Murillo!

Já estou livre da dor...

Mas todo vibro da alegria de viver.

Eis porquê minha alma inda é impura.

XXXIII bis (*)

PLATÃO

Platão! por te seguir como eu quisera
Da alegria e da dor me libertando
Ser puro, igual aos deuses que a Quimera
Andou além da vida arquitetando!

Mas como não gosar alegre quando
Brilha esta alva manhã de primavera
— Mulher sensual que junto a mim passando
Meu desejo de gôsos exaspera!

A vida é bela! Inuteis as teorias!
Mil vezes a nudeza em que resplendo
A' clamide da sciencia, austera e calma!

E caminho entre aromas e harmonias
Amaldiçoando os sábios, bemdizendo
A divina impureza de minha alma.

(*) Publicado na «Klaxon» o poema anterior causou hilaridade. Era natural. Por caçoada vesti minhas sensações e ideias com este soneto.

XXXIV

LOUVAÇÃO DA EMBOABA
TORDILHA

Eu irei na Inglaterra
E direi pra todas as moças da Inglaterra
Que não careço delas
Porquê te possuo.

Irei na Italia
E direi pra todas as moças da Italia
Que não careço delas
Porquê te possuo.

Irei nos Estados-Unidos
E direi pra todas as moças dos Estados-Unidos
Que não tenho nada com elas
Porquê te possuo.

Depois irei na Hespanha
E direi pra todas as niñas da Espanha
Que não tenho nada com elas
Porquê te possuo.

(etc.)

Quando voltar pro Brasil
Te mostrarei a irmã dos teus cabelos,
Minha constancia triunfante.
Será bonito enxergar as irmãs abraçadas na rua!

E inda terei de ir numa terra que eu sei...
Mas não será pra lhe gritar minha felicidade fanfarrã...
Será numa comovida silenciosa romaria
De amor, de reconhecimento.

XXXV

"Meu coração estrala"...

Que imagem sem verdade.

Porêm não tive idea de mentir...

Foram os nervos, a alma?

Que quer dizer estralo!

Nem aò menos sou padre Vieira...

Ôh dicionario pequitito!...

XXXVI

Como sempre, escondi minha paixão.
Ninguém soube do primeiro beijo que te dei.
Ninguém não é a inteira verdade
Mas são tão relativos os desconhecidos...

S. Paulo é já uma grande capital.
Não porquê tenha milhares de habitantes
Porêm a curiosidade já não passa mais
dos olhos prás linguas.

E quanto é mais intenso amar sem comentarios!

Mas eu sonho que vais agarradinha no meu braço
Numa rua toda cheia de amigos, de soldados, conhe-
cidos...

XXXVII

Te goso!...

E bem humanamente, rapazmente.

Mas agora esta insistencia em fazer versos sobre ti...

XXXVIII

Manhã veraneja, manhã que dá sustancia,
Toda lisa sem nuvens
sem cuidados
cansaços...
Adiante o morro sacode o ombro indiferente.

Curiosidade de viver!

Cadência bem batida, regular.
Porê m o sargento embirrou com o alinhamento das ar-
mas.

— “Alinhem essas armas, senhores!”

O sargento ignora a influência do sangue latino.
Impaciencia.
Mocidade.
Verso-livre...
Alegria grita em mim.

Curiosidade de viver!

— “Senhores, as armas!”

...e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana...

Marco a cadência com versos de Camões.

Ineses fugitivas nas janelas e portas.
Amo todas as moças brancaranas ou louras
E a manhã despenteando nos telhados seus cabe-
los fogaréu...

Curiosidade de viver !

Sargento Vitoriano,
Sapeque o seu jamegão latino
Nesta desalinhada Companhia brasileira !

XXXIX

PARADA

(7 de Setembro de 1922)

— “Colunas de pelotões por quatro!”

O DESFILE PRINCIPIA.

O refle rombudo da soldadesca marchando
Mansamente se embainha na Avenida.

— “Olhe a conversão!”

Conversão de S. Paulo...

Todos convergem prá esquerda.

Lá está Bilac estreando a fatiota de bronze.

Patria latejo em ti...

Meu Brasilzinho do coração!

A alma da gente drapeja no espaço cinzento.
Os mil milhões de rosas paulistanas.

Moça bonita!

Muitas moças.

Conhecidos.

— “Troque o passo!”

Gi, Taco, Maria, que lindos os tres!

Maquinas cinematograficas.

My Boy.

Não posso me rir.

Olhar altivo prá frente...

Na minha frente

O cabo mais descabido deste mundo.

Rua Augusta curiosa.

Todas as ruas transversais espiando curiosas

Trepadas em trincheiras de automoveis.

Sorveteiro.

Moça bonita!

Palmas.

Grade dos escoteiros perfilados.

Cunhãs, velhas corocas debruçadas...

Brutas!

No parapeito das cabeças infantis.

As familias dos mitras nos castelos roqueiros

Apresentam armas em negligé.

Zero uniforme.

Este cabo caminha em contratempo,

Cinco por quatro,

Tal e qual Boieldieu na Dama Branca.

“Viens, gentille dame”...

Zortzico de Albeniz...

Esculhamba toda a marcha!

Moça bonita!

— “Olhe o Mario de Andrade!”

Se enganou, moça.

Onde estarei?

Ela não veio com certeza...

Que bem me importa!

Saiba a cidade de S. Paulo

Que nela vive um homem feliz!

— “Olhe a cadência!”

O TRIANON VAI PASSAR

Palmas.

O tenente gesticula com a espada

E todos olham prá direita em continencia.

Músicas.

Ovação.

Trinta carinhas adoráveis.

Esta familia sorocaba...

Tudo procissiona em meus olhos um-dois...

Arvores,

O preto,

Beijo vermelho tapa o resto.

Moça bonita!

Músicas.

Cornetas.

Cornacas.

Bengalós.

No alto dum palanquim

Sua Excia. o Marajá de Khajurao.

O snr. presidente do Estado não gosta de Modernismo...

Olha pra mim!

— “Fora de forma!

Quarenta dias de prisão!...”

Oh, minhas alucinações!

Moça bonita!

Palmas.

Passou o palanquim.

Serenamente continuou sua jornada

Sua Excia. o marajá de Khajurao.

E os diademas de perolas luzentes

Nos risos das favoritas.

Toneladas de moças bonitas!

— “Viva o Brasil!”

— “Viva o Quarto Batalhão de Caçadores”!

Risos.

Sorveteiro-sorveteiro.

Acerte o passo, cabo!

Um senhor tres filhas gordas,

Colares falsos,

Terra-roxa,

Guaratinguetá,

Tabatinguera,

Oblivion!

Oblivion...

Está acabando a preocupação.

Braço doi.

A Avenida escampou.

Não tem mais moça bonita.

Que dê as palmas?

Não existo.
Não marcho.
Muito longe
Nos cafundós penumbristas de Santo Amaro
O vacuo badalando badalando...
Eco dentro de mim.
Não tem mais Independencia do Brasil.
Olhos defuntos.
Ninguém.
Nada.
Praquê tanto tambor?
O braço nem doi mais.
Cheiros de almoços mayonnaises.
Sol crestado nas nuvens que nem PÃO.
Kennst du das Land
Wo die Zitronen blühen?...
Assombrações desaparecidas.
O mundo não existe.
Não existo.
Não sou.

CICLIZAÇÃO

Alô?...
Dava dez milreis por um copo de leite.

XL

Não devia falar “meu coração estrala”.

Lembro todos os estralos do mundo...

Os boleeiros guasqueiam os burros...

O pneu arrebentou quando iam as duas ho-
ras da manhã...

Balas-de-estralo pelo Ano-Bom...

— Eu peno todas as dores
Com êste amor que Deus me deu,
Quem achou os seus amores
A si mesmo se perdeu.

Só falta música.

Si fosse rico havia de ter uma farda de gala.

Não devia falar “meu coração estrala”...

Esta preocupação de sentimento que passou...

XLI

TOADA SEM ÁLCOL

Certeza de ser nesta vida
Fingimento de alguém nas artes,
Antes fraco inerte covarde,
Covarde diante desta vida.

Chuçadas e lapsos berrantes,
Klaxon, terror! sem automovel...
Antes triste triste covarde
Diante dos morros desta vida.

Ninguém sabe da solitude
Que enche o meu peito sem emprêgo,
O qual comunga todo dia
Na missa-baixa do abandono.

Mas, rapazes, não tenho a culpa
De ter faltado em minha vida
O amigo que me defendesse,
Aquele que eu defenderia.

XLII

RONDO' DAS TARDANÇAS

— “Volte amanhã.”

Como tarda a desincorporação!
Não tem mais formaturas,
Não tem mais acelerados...

CALMARIA

Desejo de tempestades
Adoece meus membros parados.
Quero ir de novo pro batuque público da vida!

Que engraçado!
Tambem quando trato dos meus negocios com a vida
Ela sempre me diz com o ar distraido dela:
— “Volte amanhã.”

XLIII

Desincorporados.

Previsões tenebrosas,

Outra parada,

Revoluções futuras...

O snr. presidente da República

Acredita na fidelidade dos seus subditos.

E TUDO ACABA EM DANSA!

Por isso cabo Machado anda maxixe...

Nem sodade nem prazer.

Me inebriei de manhãs e de imprevistos.

Bebedeiras sentimentais...

Meu vício original.

Recordâmos esquerdas-volver e meias-voltas...

Volta e meia vamos dar.

E' certo que me alegra

Não ser obrigado a fingir mais olhar altivo prá frente,

Secretamente eu preferia o olhar quebrado do amor.

E a gente tem mais coisas que fazer.

Não sou dêsses pros quais a segunda-feira é igual-
zinha ao domingo.

Trabalho como jeteí

Quando é florada na fruteira.

Corro minha vida com a velocidade dos electrons

Mas porêi sei parar diante das vistas pensativas

E nos portais das tupanarocas sagradas.

Eis a vida.

V'lá Paris...

pan-bataclan...

— Ordinario, marche,

Pros meus vinte-e-nove anos maravilhosos!

Afinal,

Êste mês de exercicios militares:

Losango cáqui em minha vida.

... Arlequinal...

XLIV

RONDO' DO TEMPO PRESENTE

Noite de music-hall...

Não, faz Sol. E' meio-dia.

Hora das fábricas estufadas digerindo.

A rua elastica estica-se talqual clown desengonçado

Farfalhando neblinas ironicas paulistas.

O Sol nem se reconhece mais de empoadado

Ver padeiro que a gente encontra manhãzinha

Quando das farras vai na padaria comer pão.

Noite de music-hall...

Cantoras bem pernudas.

O olhar piscapisca dos homens aplaudindo.

Como se canta bem nas ruas de S. Paulo!

O passadista se enganou.

Não era desafinação.

Era pluritonalidade modernissima.

Em seguida o imitador,

Tenores bolshevistas,

Tarantelas do Fascio...

Ibsen! Ibsen!

Peer Gynt vai pro escritorio

Com o rubim falso na unha legítima.

Empregados publicos virginais

Deslumbrados com o jazz dos automoveis.

Os cadetes mexicanos marcham que nem cavalos ensinados,

Está repleto o music-hall!

Mulheres-da-vida perfiladas nas frizas.

— Olhar á direita!

— Olhar á esquerda!

Taratá!

Olhar especula pra todos os lados!

Mas as continencias livres do meu chapéu

Não se desperdiçarão mais com galões desconhecidos!

Prefiro mil vezes saudar os curumins!

Os meninos-prodigios caminham seculo-vinte

Sem esbarrão na confusão da multidão.

Bravissimo!

Taratá!

Seculo Broadway de gigolôs, boxistas e pansexualidade!

Que palcos imprevistos!

Programas originais!

Permitido fumar.

Esteja a gôsto.

Faz Sol.

E' meio-dia...

Noite de music-hall...

XLV

TOADA DA ESQUINA

Pouco antes de meio-dia
Senti que vinha. Esperei.
Veio. Passou. Foi assim
Como si a Lua passasse
Por essa picada estranha
Que viajo desde nascer.

A redoma toda verde
Do meu peito escureceu.
Noite de Maio bondoso.
Lá vai a Lua passando.
Ha mesmo essa refração
Que me bota no pescoço
O cache-col da Via-Latea
E a Lua na minha mão.

Mas quando quero gosar
O belo tátil do luar,
E passo a mão sobre os dedos...
Tenho de desiludir-me.

Foi mentira dos sentidos,
Foi o orvalho. Nada mais.
Veio. Passou. Foi assim
Como si a Lua..

Suspiro talqual na infancia.
— Que queres, Mario? — Mamã,
Quero a Lua! — Hoje é impossível,
Já vai longe. Tem paciência,
Te dou a Lua amanhã.

E espero. Esperas... Espera...

— Pinhões!

Coleção
SÉRGIO B. HOLANDA
Biblioteca Central
UNICAMP

ESTA — EDIÇÃO — DE — OITOCENTOS — EXEM-
PLARES — DO — LOSANGO — CÁQUI — ORNADA
— COM — CAPA — DE — DI — CAVALCANTI —
SE — TERMINOU — AOS — 12 — DE — JANEIRO —
DE — 1926 — NAS — OFICINAS — DA — TIPO-
GRAFIA — IDEAL — DE — H. — L. — CANTON —
EM — SÃO — PAULO — — — — — — — — —

